



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ISCED-HUÍLA**

**O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA UNITA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA
EM ANGOLA (1966 À 1975).**

Autor: Yuri Paulo de Carvalho Fernandes

Lubango,
2021



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ISCED-HUÍLA**

**O ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA UNITA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA
EM ANGOLA (1966 À 1975).**

Trabalho de Apresentado para Obtenção do
Grau de Licenciatura em Ensino de História.

Autor: Yuri Paulo de Carvalho Fernandes

Orientador: Mário Ilda Simão, Msc.

Lubango,
2021



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED- Huíla

Declaração de Autoria do Trabalho de Licenciatura

Temos consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu, **Yuri Paulo de Carvalho Fernandes**, Estudante finalista do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla (ISCED- HUÍLA) do curso de ENSINO DE HISTÓRIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha formação académica e profissional.

Lubango, Outubro de 2021

Autor

Yuri Paulo de Carvalho Fernandes

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Dionísia Duva pelo incentivo e apoio incondicional, a minha querida esposa Amélia Domingas as minhas filhas Jandira Fernandes e Joana Fernandes. A toda minha família em especial os meus irmãos que me apoiaram nos momentos difíceis da minha formação.

Agradecimento

Primeiramente agradeço a Deus, que acreditamos ser o artífice da vida e de tudo que nela existe, de modo geral a todos o quanto o que contribuíram para a materialização deste nosso sonho que resultou neste trabalho, com especial realce ao meu orientador Mário Ilda Simão Msc, pela orientação prestada, pelo seu incentivo e empenho dedicado a elaboração deste trabalho. O meu muito obrigado!

A minha família em geral e em particular a minha mãe Maria Dionísia Duva, pelo seu apoio incondicional, a todos professores que nos transmitiram os conhecimentos da formação académica, os colegas, que durante este tempo todos caminhamos juntos em busca do saber científico, aos amigos, académicos dirigentes dos partidos políticos na Matala, assim como as autoridades tradicional que entrevistamos cujo contributo enriqueceu o nosso trabalho.

Muito obrigado

Lista de Siglas e Abreviaturas

CURA - Comité da Unidade Revolucionaria Angolana

ELNA- Exército de Libertação Nacional de Angola

FAPLA- Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

FALA- Forças Armadas de Libertação de Angola

FAR- Forças Armadas Revolucionárias

FNLA- Frente Nacional de Libertação de Angola

GRAE- Governo Revolucionário de Angola no Exílio

MIA- Movimento para Independência de Angola

MINA- Movimento para Independência Nacional de Angola

MLN- Movimento de Libertação Nacional

MLNA- Movimento de Libertação Nacional de Angola

MPLA- Movimento Popular de Libertação de Angola

ONU- Organização das Nações Unidas

PLUA- Partido de Luta Unida dos Angolanos

UNITA- União Nacional para Independência Total de Angola

UPA- União dos povos de Angola

UPNA- União dos do Norte de Angola

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Resumo

O trabalho tem como tema o enquadramento histórico da UNITA na luta pela independência em Angola (1966 À 1975). As lutas pela emancipação colonial em Angola foram conduzidas por três Movimentos de Libertação Nacional (MLN) (FNLA, MPLA e UNITA). Neste diapasão, vale abordar sobre o contributo da UNITA na luta visando a emancipação de Angola, fundado em 1966 por Dr. Jonas Malheiro Savimbi, este movimento político, desde a sua fundação até a Independência Nacional, engajou-se na mobilização dos angolanos para se libertarem do Jugo colonial português e inclusive da reconquista da identidade angolana. No decurso da luta política e militar pela emancipação de Angola ocorreu em Portugal a denominada revolta de 25 de Abril de 1974, a mesma acelerou o processo de descolonização, face a esta circunstância várias colónias portuguesas começaram para libertar-se do jugo colonial. Neste trabalho foram traçados o objectivo gerais e os específicos: Objectivo geral: Compreender o Enquadramento Histórico da UNITA, na Luta pela Independência de Angola. Objectivos específicos: Descrever o percurso histórico da UNITA no processo da emancipação de Angola; Analisar o impacto da acção política e militar da UNITA na luta contra a presença colonial portuguesa e perceber os constrangimentos do processo de emancipação política de Angola protagonizados pelos Movimentos de Libertação Nacional. Para concretização deste desiderato, usamos os seguintes métodos: Método Histórico e Método de Pesquisa bibliográfico. O presente trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro, fez a fundamentação teórica que dá suporte técnico-científico a abordagem central do trabalho e no segundo capítulo, descreve-se sobre os movimentos de libertação de Angola, com maior realce a acção e protagonismo da UNITA durante a luta de Libertação em Angola.

Palavras-Chave: UNITA, Histórico, Independência, Angola.

ABSTRACT

The work has as its theme the historical framing of UNITA in the struggle for Angola's independence (1966 to 1975). The struggles for colonial emancipation in Angola were led by three National Liberation Movements (MLN) (FNLA, MPLA and UNITA). In this vein, it is worth discussing UNITA's contribution to the struggle for the emancipation of Angola, founded in 1966 by Dr. Jonas Malheiro Savimbi, this political movement, from its foundation to National Independence, was engaged in mobilizing Angolans to become to free themselves from the Portuguese colonial yoke and even from the reconquest of the Angolan identity. In the course of the political and military struggle for the emancipation of Angola, the so-called revolt of April 25, 1974 took place in Portugal, which accelerated the process of decolonization, given this circumstance, several Portuguese colonies began to free themselves from the colonial yoke. In this work, the general and specific objectives were outlined: General objective: To understand the Historical Background of UNITA, in the Struggle for the Independence of Angola. Specific objectives: Describe UNITA's historical path in the process of Angola's emancipation; Analyze the impact of UNITA's political and military action in the struggle against the Portuguese colonial presence and Understand the constraints of the Angolan political emancipation process carried out by the National Liberation Movements. To implement this desideratum, we use the following methods: Historical Method and Bibliographic Research Method. The present work is divided into two chapters. In the first, we made the theoretical foundation that gives theoretical and scientific support to the central approach of the work and in the second chapter, we describe the liberation movements in Angola, with great emphasis on the action and protagonism of UNITA during the struggle for the Liberation of Angola.

Keywords: UNITA, History, Independence, Angola.

Índice

Declaração de Autoria do Trabalho de Licenciatura	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimento	iii
Lista de Siglas e Abreviaturas	iv
Resumo.....	v
I. Introdução.....	2
Motivação da Escolha do Tema	2
Identificação do problema	2
Importância do Tema	3
Objectivo de investigação	3
Definição dos Objectivos.....	3
Objectivo geral:.....	3
Objectivos específicos	3
Definição de Conceito Chave:	3
Quadro Metodológico	4
Método Monográfico.....	5
Técnica de Entrevista.....	5
CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1- Estado da Arte.....	7
1.2- O Nacionalismo Africano	8
1.3- O Nacionalismo Angolano	9
1.4- O surgimento dos movimentos de Libertação Nacional de Angola.....	16
1.5 - FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola.....	11
1.6 - MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola.....	11
1.7 - UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola.....	13
CAPITULO II: A UNITA E A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM ANGOLA	25
2.1- Enquadramento Histórico da UNITA	25
2.2- Especificidades da Acção Política e Militar da UNITA na Luta pela Independência de Angola	25
2.2.1. Acção Política.....	25
2.2.2. Acção Militar	28
2.3 - O 25 de Abril e o Processo de Descolonização de Angola.....	29

2.5.1- O acordo de Alvor	29
2.5.2- O Acordo de Nakuru	30
2.5.3- A Proclamação da Independência de Angola.....	31
CONCLUSÕES E SUGESTÕES	427
Conclusão	42
Sugestões.....	44
Bibliografia	45

INTRODUÇÃO

I. Introdução

O presente trabalho é resultado final de um estudo científico subordinado ao tema “O enquadramento histórico da UNITA na luta pela Independência de Angola (1966 À 1975) ”, visando atingir o grau de Licenciatura em Ciências da Educação, na opção de Ensino da História no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla. O mesmo é constituído por dois Capitulo, no primeiro é feita a fundamentação teórico – científica que serve de suporte teórico do nosso trabalho, no segundo tratamos previamente de apresentar as acções e o protagonismo político-militar da UNITA na luta pela emancipação de Angola.

Motivação da Escolha do Tema

O enquadramento histórico da UNITA na luta pela independência em Angola é uma temática desafiante. Sabe-se que os três Movimentos de Libertação Nacional (MLN), Concretamente, a FNLA (frente de Libertação de Angola), o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e a UNITA (União Nacional de Libertação Total de Angola), participaram na luta pela independência de Angola, tendo em conta as suas acções, que até aos nossos dias são tidas como actos heróicos e decisivos para a libertação do país. Porém, apesar disso ainda notamos pouca divulgação sobre os efeitos de cada um destes movimentos, com principal realce sobre a acção política e militar da UNITA. Este último aspecto acabou por nos motivar para a abordagem em causa.

Outrossim, é de grande relevância estudar este assunto, tendo em conta que com esta pesquisa daremos o nosso contributo à ciência e de modo específico à construção de uma História de Angola mais completa e mais sólida.

Identificação do problema

Qual é o Enquadramento histórico da UNITA, na luta pela independência em Angola?

Importância do Tema

- **Importância teórica:** a pesquisa em referência visa apresentar, de forma sistematizada, o conhecimento científico sobre o Enquadramento Histórico da UNITA na luta pela Independência em Angola.
- **Importância prática:** a nossa investigação consiste na elaboração de um material de consulta bibliográfica sobre o tema em questão.

Objectivo de investigação

Constitui objecto da presente pesquisa, uma análise histórica sobre o enquadramento histórico da UNITA, na luta pela Independência em Angola.

Definição dos Objectivos

Objectivo geral:

Compreender o enquadramento político e militar da UNITA na Luta pela Independência de Angola.

Objectivos específicos

- Descrever o percurso histórico da UNITA no processo da emancipação de Angola;
- Analisar o impacto da acção política e militar da UNITA na luta contra a presença colonial portuguesa;
- Perceber os constrangimentos do processo de emancipação política de Angola protagonizados pelos Movimentos de Libertação Nacional.

Definição de Conceito Chave:

No presente trabalho utilizamos os seguintes conceitos-chave: **Histórico, UNITA, Independência, Angola.**

Histórico: relativo à história, que faz parte da história, que recorda acontecimento notável, verdadeiro, que realmente existiu que não é inventado. (Dicionário de Língua portuguesa, 2008, p. 898).

UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola.

Independência: conquista e manutenção da soberania política e económica, através de um processo que pode ser procedido por guerra ideológica ou mesmo luta armada.

Angola: está localizada na zona sudoeste do continente africano, com sua zona costeira banhada pelo Oceano Atlântico. O país faz fronteira com o Congo, Zaire, Zâmbia, e Namíbia. Suas temperaturas médias anuais giram em torno de 18 a 25 graus ao longo do seu território, que possui cerca de 1246700 km². A capital político-administrativa do país é Luanda, e sua língua oficial é o Português, (Pimenta, 2014, p.4).

Quadro Metodológico

Para esta investigação nos apoiamos nos seguintes métodos: Método Histórico, Método Comparativo, Método Funcionalista, Método Monográfico e as Técnicas de observação participante, Pesquisa, Pesquisa Bibliográfica e o Estudo de Caso.

Método Histórico: Durante a nossa investigação fizemos recurso ao método Histórico sempre que houve necessidade de situar historicamente qualquer elemento do nosso tema, tratando-se pois de um tema de impacto histórico-social, cujas raízes encontram-se no passado tendo em conta a sua vertente tradicional, este método nos foi bastante útil.

Método Comparativo: Com este método procuramos estabelecer relações e diferenças de costume entre diversos povos, pois tal como somos um povo pluri-nacional ou multicultural na visão de (Van-Dúnem, 2007, p. 23), existem muitos aspectos comuns e incomuns que mereceram comparação durante a nossa investigação.

Método Funcionalista: este método segundo Marconi & Lakatos (2011, p.94), é um método essencialmente de interpretação. Tendo em conta este aspecto, o método em causa chegou a ser indispensável para uma pesquisa qualitativa como a nossa, que *de "per se"* exige interpretação sobretudo em torno daquilo que os autores citados nos transmitiram.

Método Monográfico

Partindo do princípio do que qualquer caso que se estuda em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos outros semelhantes, consiste no estudo de pessoas, profissões, instituições, grupos ou comunidades para poder generalizar (Marconi, M. A. & Lakatos E. M., 2011, p. 92). Como o estudo dirige-se a Comunidade da Matala, pretendemos mediante este método generalizar as conclusões encontradas.

Método de Pesquisa Bibliográfica: Este método revestiu-se de grande importância para que a nossa pesquisa se tornasse um facto eficiente, já que, «este método permite utilizar o material já publicado, constituído principalmente de livros e aquele disponível na internet» (Silva, 2005, p. 10). Pois foi por meio do qual que trouxemos no nosso trabalho uma discussão teórica entre vários autores.

Estudo de Caso: Sendo uma pesquisa qualitativa, o nosso estudo de caso, abordado no IIº Capítulo foi feito à base de entrevistas, pelo que, este método tornou-se fundamental para o nosso trabalho. Já que, segundo (Naranjo, 2013, p. 167), a aplicação deste é associada a procedimentos que permitem recolher e interpretar os dados relevantes até lhes dar significado numa singularidade.

Técnica de Entrevista

«A entrevista é uma técnica de compilação de informação mediante uma conversa profissional com que, além disso, se adquire a informação a cerca do que se investiga». (Ramos & Naranjo 2014, p.141)

Nesta perspectiva foi possível com esta técnica enriquecer o nosso trabalho, pois por meio da qual os nossos entrevistados tomaram parte activa na nossa pesquisa contribuindo com subsídios muito valiosos.

Para o efeito, usamos o tipo de entrevista estruturada, através da formulação de questões já anteriormente elaboradas.

CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- Estado da Arte

Este capítulo tem como escopo a exposição de argumentos teóricos necessários para o suporte da abordagem do tema que nos propusemos investigar.

Tendo em vista que os estudos pós-coloniais não têm origem numa matriz teórica única, mas sim numa variedade de contribuições que, apesar de seguirem orientações distintas, apresentam como característica comum a preocupação de promover a desconstrução dos essencialismos e dar lugar a emergência de referenciais epistemológicos críticos às concepções dominantes de modernidade (Costa, 2006, P. 83).

Foi no norte de Angola, que a partir dos anos 50 começaram a surgir embriões dos futuros movimentos com ideias oposicionistas ao sistema português. Inicialmente podemos considerar que assentavam numa base étnico-nacionalista. Surge assim o MIA (Movimento para a Independência de Angola), depois MDIA (Movimento de Defesa dos Interesses de Angola), e o PLUA (Partido de Luta Unida dos Africanos de Angola), que após fusão originaram o Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, essencialmente. Surgem ainda em o Ntobako, emerge a UPNA (União dos Povos do Norte de Angola), posteriormente UPA (União dos Povos de Angola) e que a partir de 1962 por fusão com o PDA (Partido democrático de Angola), se passou a designar FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola). A UNITA surge apenas em 1966 mediante uma cisão da FNLA desencadeada por Jonas Savimbi, Capoco, (2012).

A sua principal obra seria *Descolonização de Angola: a Jóia da Coroa do Império Português* (1991), destacando-se também o seu contributo para colectâneas como o sexto volume de *Portugal Contemporâneo* e *Portugal 20 Anos de Democracia*, publicados respectivamente em 1993 e 1994 e coordenados por

Em 2010 é publicado *Os anos da Guerra Colonial: 1961-1975*, da autoria de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes e que segue os vários acontecimentos que marcaram o conflito colonial português, sendo possível observar a forma como os vários eventos que se deram tanto na metrópole como nos vários

territórios que compunham o império se influenciavam entre si. São ainda feitas análises sobre acontecimentos como a colaboração da UNITA com as autoridades portuguesas, naquilo que ficaria conhecido como 'Operação Madeira', e da cooperação entre Portugal, Rodésia e África do Sul no quadro do chamado projecto "Alcora".

Segundo Birmingham (1995), que observa as diferentes vagas de descolonização desde a 2ª. Guerra Mundial, com o processo de independência angolano a inserir-se numa das últimas do continente africano.

Sobre os movimentos nacionalistas, é de referir *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, na qual a investigadora analisa as origens sociais dos fundadores dos movimentos nacionalistas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, as influências destes, os apoios externos que receberam e o futuro que pretendiam para as suas terras. A análise de Dalila Cabrita Mateus sobre os apoios dos movimentos a nível mundial, africano e regional constitui também um importante contributo para o estudo das várias intervenções externas em Angola, naquela que foi a fase final do processo de descolonização e na qual o meu estudo também faz referência, Mateus, (1999).

Segundo Carvalho, (2015, p.5) os Estados Unidos e a União Soviética, aproveitando o crescente sentimento nacionalista no interior de Angola, a partir do início da década de 1960, a dotaram uma política externa de auxílio a movimentos de libertação, que procuravam na esfera internacional, o apoio financeiro e militar, que necessitavam para desenvolverem as suas acções. A URSS acabou por apoiar o MPLA e os Estados Unidos a FNLA e a UNITA.

1.2- O Nacionalismo Africano

A colonização Europeia era uma condição que não favorecia ao progresso das sociedades africanas. Houve a necessidade de alteração do quadro político, económico, e social nos países de África colonizados pela Europa. A emancipação política e económica passou a dada altura uma necessidade imperiosa para os povos colonizados.

Segundo Carvalho, (2015, p.25), citando por Pedro (1998) afirma que a resistência à colonização em África começou com a própria colonização. Ou seja, no processo de colonização e descolonização, marcharam simultaneamente como movimentos antagónicos, mas inseridos numa mesma realidade. O resultado da convivência destes conceitos, após um longo período marcado pela resistência à ocupação, foi o surgimento gradual de movimentos de descolonização em África, pouco depois da Primeira Guerra Mundial, contra a vontade das potências colonizadoras, que pretendiam preservar o seu estatuto.

Uma outra realidade importante para a conquista da soberania dos territórios de África foi o movimento Pan-africanista. Históricos que influenciaram o nacionalismo africano e conseqüentemente a lutam pela emancipação do continente africano.

1.3- O Nacionalismo Angolano

Segundo Capoco (2013), o Nacionalismo angolano tem suas origens na resistência das populações face as inúmeras investidas do invasor que expropriava as suas terras, obrigando-os ao pagamento de impostos elevados da soberania, ao mesmo que impunha à população regimes de trabalho forçado. Essa situação levava o povo a pequenas revoltas, e a acção política dos poucos nacionalistas na altura concentrava-se na denúncia do roubo e pilhagem dos colonos.

Para Batsikama (2015), o nacionalismo angolano é precedido de um protonacionalismo caracterizado por duas dimensões «espaço e tempo». Na nossa abordagem, nos focaremos apenas no espaço. Para este autor, em relação ao espaço, o protonacionalismo difere-se do meio rural ou meio urbano. No meio rural fala-se, geralmente, de reacções anticoloniais, ao passo que no meio urbano são reacções protonacionalistas. As diferenças situam-se nos objectivos: no rural, a administração colonial assinala várias rebeliões ou insurreições/guerras locais e regionais; são chefes tradicionais que lideram estas sublevações e que, além de simbolizar espaços geograficamente determinados, são iletrados e desconhecem a 'acção colonizadora', ao ponto de confundir o 'branco colonizador' do 'branco angolano'. No meio urbano, as coisas são diferentes: são elites urbanas, aquelas

educadas à maneira europeia (letradas) que criam associações (ou uniões, partidos, ou grêmios ou ainda igrejas) e são multiétnicas e multirraciais.

No meio urbano o embrionário das elites revolucionárias aspiravam o fim da dominação, a mudança do curso dos acontecimentos, e enfim, mais tarde a luta para instaurar um “governo de Angola liderado pelos próprios angolanos”. Foi na sequência destas aspirações, que os grupos de estudantes angolanos em Portugal e em Paris constituíram espaços de reflexão e associações culturais, recreativas e de entreajuda, onde se discutiam temas da identidade africana e de crítica ao sistema fascista e colonialista. Destas associações, as mais influentes apareceram em Portugal, como:

- 1- A Casa dos Estudantes do Império (CEI);
- 2- O Centro de Estudos Africanos (CEA);
- 3- O Clube Marítimo Africano (CMA).

As mesmas associações, por sua vez, davam continuidade a pequenas formas de protestos anticoloniais que eram sobretudo de ordem cultural, desenvolvidas por brancos pro-angolanos, mestiços e negros assimilados em Luanda, que reclamavam uma identidade angolana, que em 1948 deram origem, sob a liderança de Viriato da Cruz, ao Movimento dos Jovens e Intelectuais de Angola (MJIA).

O despertar do Nacionalismo Angolano foi influenciado por vários factores, de entre eles temos, segundo Capoco:

O aparecimento das elites intelectuais angolanas, tanto no interior de Angola como na diáspora, a emigração de angolanos para os países vizinhos e a informação/comunicação com as massas populares, contribuiu para o despertar da tomada de consciência (Capoco, 2013, p. 6).

O nacionalismo angolano inspirado no nacionalismo Africano serviu de suporte ideológico para a luta armada para a libertação nacional em Angola.

Estava lançada a semente para a contestação política em Angola visando a conquista da liberdade e soberania nacional.

1.4- O Surgimento dos Movimentos de Libertação de Angola

Pretendemos neste subtema aflorar particularmente aspectos políticos que acabaram por sustentar as reivindicações visando a conquista da soberania nacional em Angola. As manifestações deste fenómeno tiveram várias vertentes, dentre elas temos as manifestações culturais em defesa da identidade cultural, as manifestações económicas reivindicando direitos laborais, mas as que se destacaram foram as manifestações políticas que acabaram por dar as acções militares, isto é, luta armada contra a presença colonial Portuguesa em Angola.

1.5 - FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

De acordo com Mbah (2010), não se pode entender a formação da FNLA, sem estudar o surgimento de duas organizações: a UPNA, surgida em 1954, a UPA, surgiu em 1958, que mais tarde uniu-se ao PDA para dar corpo a FNLA. As duas primeiras organizações, a UPNA e a UPA, surgem, a primeira com o objectivo de apoiar um herdeiro protestante que pretendia ocupar o lugar deixado pelo rei Bacongo. Já a segunda, surge para contrapor a ideia do regionalismo na luta anti-colonial.

Assim de acordo com N'ganga (2008, p.23), as raízes de Holden Roberto, primeiro Presidente da FNLA, não começam com o seu nascimento em Angola, pois que este é neto do antigo escravo Miguel Nekaka que se tornara num dos mais prestigiados pioneiros da evangelização do Norte de Angola, filho de Graciano Diasiwa Roberto, medianeiro do processo de paz na famigerada “guerra de Buta” e sobrinho de Barros Nekaka, fundador e presidente da UPNA.¹

1.6 - MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

O percurso feito pelo MPLA para a afirmação na arena africana, foi longo e árduo, uma vez que o MPLA tinha como principal preocupação, a nível político, o de promover a unidade em Angola. Mas Holden Roberto, líder da União das Populações de Angola (UPA) não aceitava formar uma frente nacional única com o MPLA, dificultando a situação do MPLA. Mas um dos maiores problemas do

¹ União dos Povos do Norte de Angola

MPLA em relação a UPA, era que a mesma já tinha conseguido alguns apoios do Presidente Kwame Nkrumah, do Ghana e de Habib Bourguiba da Tunísia, cujos campos de treinamento militar foram abertos aos combatentes desse Movimento (Francisco 2013, p. 30).

Para Faria (2019, p. 278), um outro movimento que eclodiu nesta fase foi o Partido Comunista Angolano (PCA), fundado por Ilídio Machado. Teve curta existência não só porque não conseguiu atrair membros suficientes, mas também e principalmente porque foi abandonado pelo que deveria ser o seu principal aliado, “o Partido Comunista Português” (PCP). Daí houve a necessidade de renovar o PCA sob nome “Partido Pela Luta Unida dos Africanos de Angola” (PLUAA), apesar de também ter tido uma vida curta, ficou bem assente que ele teve sucesso ao apresentar um apelo emocional aos angolanos para se unirem e formarem um movimento de libertação mais amplo de contestação contra a opressão colonial. Uma de suas maiores façanhas foi ter escrito o “Manifesto – um denso documento, dactilografado em 8 páginas, da autoria dos iniciadores do MPLA, Viriato da Cruz, Ilídio Machado, António Jacinto e Mário António de Oliveira”². Pensa-se que Viriato da Cruz terá sido o autor do documento.

De acordo Rocha *citado por* Faria (2019, p.279), Viriato da Cruz teria também levado cópias numerosas do Manifesto para Lisboa em 1957, quando viajou para Portugal alegadamente devido a problemas de saúde, dado o secretismo à volta deste documento, pouco se sabe dos detalhes, mas em princípio reconhece-se que o apelo desse documento teve o seu papel importante nos acontecimentos que conduziram à criação do MPLA, a 10 de Dezembro de 1956.

A fundação do MPLA foi em 10 de Dezembro de 1956, através do Manifesto do MPLA, com foco no seu programa principal, que consistia lutar até alcançar a independência do país e por outro criar estratégias para o desenvolvimento do país.³

Na sua criação os expoentes que se destacaram são Mário Pinto Lemos de Andrade (Primeiro Presidente), Viriato da Cruz como (Secretário-geral), Lúcio

² MPLA 40 Anos por Angola (1996, p.11).

³-Em entrevista com senhor Alberto Mungonena Massualali, de 60 anos de idade (Segundo Secretário do Comité Municipal de Partido de Quipungo), pelas 11 horas e 32 minutos do dia 30 de Junho de 2021.

Lara, Azevedo Júnior, Matias Miguês, e Hugo de Mezes, estas figuras é que faziam a composição da primeira Direcção do MPLA.⁴

Estando em solo africano, e não europeu onde possuíam muitos entraves, intensificam-se as actividades políticas do MPLA.

Na sua criação os expoentes que se destacaram são Mário Pinto Lemos de Andrade (Primeiro Presidente), Viriato da Cruz como (Secretário-geral), Lúcio Lara, Azevedo Júnior, Matias Miguês, e Hugo de Mezes, estas figuras é que faziam a composição da primeira Direcção do MPLA.⁵

1.7 - UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

Para Vifuanda (2020, p.22), citando Capoco (2013), como base social o grupo etnolinguístico Ovimbundu, em contraste com FNLA que era enraizada entre os Bacongo e o MPLA cuja base original assentava nos Ambundu, mestiços e uma minoria da população portuguesa local que era contra o regime colonial português. A data do surgimento da UNITA está ligada à realização do primeiro congresso que aconteceu de 11 ao 13 de Março de 1966 em Muangai no Moxico, tendo contado com a participação de 170 delegados e registou-se como fundadores do movimento Jonas Malheiro Savimbi, João José Lihuca, Tony da Costa Fernandes, David Jonatão Chingunji (Samuimbila), Ernesto Joaquim Mulato, Alexandre Magno Chingunto, Pedro Paulino Moisés, José Kalundungu, Jacob Hóssinácio, Jeremias Kussia Nundu, Nicolau Biacho Tchiuca, Isaías Massumba, Mateus Bundua, Samuel Chivava Muanangola e Tiago Sachilombo.

Para Visentini (2012) é certo que o conjunto de estratégias para criação e constituição deste movimento político na altura com foco ao curto prazo era de lutar contra o colonialismo português. Desde a sua constituição, integrou ou teve representação de alguns grupos etnolinguísticos de Angola.

Diferente do MPLA e da FNLA, a UNITA não surge da fusão de movimentos de luta anti-colonial. Esta força de luta colonial aparece como um projecto pessoal de

⁴-Em entrevista com senhor Alberto Mungonena Massualali, de 60 anos de idade (Segundo Secretário do Comité Municipal de Partido de Quipungo), pelas 11 horas e 32 minutos do dia 30 de Junho de 2021.

⁵-Em entrevista com senhor Alberto Mungonena Massualali, de 60 anos de idade (Segundo Secretário do Comité Municipal de Partido de Quipungo), pelas 11 horas e 32 minutos do dia 30 de Junho de 2021.

Jonas Savimbi, que fez parte da FNLA/GRAE, onde exercia o cargo de secretário-geral e Ministro das Relações Exteriores. A falta de entendimento com o líder da FNLA/GRAE, baseada fundamentalmente na visão política que cada um tinha sobre a situação colonial e as ideias que Holden Roberto dava para a luta contra o regime colonial português deram origem a ruptura entre Savimbi e a FNLA. Assim a UNITA, surge em 1966 devido a uma dissidência entre Holden Roberto e Jonas Savimbi. Assim, com Savimbi vieram outros membros da FNLA, destacando-se João Lihuca e Tony Fernandes (Muekhalia, 2010).

O problema da divisão interna da FNLA/GRAE, que se acentuara devido ao desentendimento de liderança, bem como o diferendo com Holden Roberto, levou Savimbi a demitir-se do cargo e abandonar a organização, num acto simbólico de grande importância política perante numerosos líderes africanos. Como refere Jorge Valentim: para a sua saída da FNLA, Jonas Savimbi escolheu o momento oportuno para a formalização da sua ruptura com Holden Roberto: “na altura da realização da conferência da OUA, a nível dos Ministros dos Negócios Estrangeiro, em Julho de 1964, demitiu-se e, perante estas instâncias, apresentou uma declaração muito crítica contra o presidente da FNLA e do GRAE, o senhor Holden Roberto”. Em virtude das más relações no interior do GRAE, Savimbi procurou descrever no acto da sua demissão, a situação que para ele não encontrava um caminho seguro para resolver o problema da libertação de Angola e, argumentava que as forças divididas impedem a mobilização da massa angolana, o que segundo ele, causava o fracasso da luta de libertação (Capoco, 2013, p.95-96).

Sabe-se que o movimento político UNITA no processo de formação e constituição em 1966 teve como seu expoente máximo o Dr. Jonas Malheiros Savimbi, dissidente da FNLA e do GRAE (Governo de Resistência de Angola no Exílio), trabalhando como ministro das Relações Exteriores. Tal como fundamenta o Marcum (1978), citado por (Carvalho, 2015, p.35).

A formação da UNITA foi através do Presidente fundador (Dr. Jonas Malheiro Savimbi), quando sai da FNLA com a ideia de criar um outro plano político, a partir daí, isto constituía já de antemão uma contradição. Trata-se do período da guerra de Libertação Nacional, onde os dois movimentos políticos na altura

existentes (FNLA e MPLA), tinham apoio das duas super-potências mundiais e então tinha que se criar outra formação política que não tivesse ligado com a posição ideológica nem da super-potência do Oriente nem do Ocidente.⁶

A UNITA, inicialmente com as forças armadas, ou seja com maior percentagem militar e com uma minoria política, na altura para ter uma identidade partidária era necessário passar pelas acções graças o ataque de 25 de Dezembro de 1965, no Luau é que despertou a população.⁷

Para Visentini (2012) é certo que o conjunto de estratégias para criação e constituição deste movimento político na altura com foco ao curto prazo era de lutar contra o colonialismo português. Desde a sua constituição, integrou ou teve representação de alguns grupos etnolinguísticos de Angola.

A fundação da UNITA, não foi por razões étnicas como se tem divulgado associando-a ao grupo étnico do líder. Ora vejamos, no momento era só uma massa que se levantava, que para além do seu líder, vale destacar o General Zau Puna era muito rígido na sua actuação, o Tony da Costa Fernandes é da província de Cabinda, eles é que desenharam a linha orientadora do movimento UNITA, mas tarde integrou a Soares do Bailundo e depois o Bengue que é Bacongo. Pode-se dizer que a UNITA foi organizada em massa sem olhar pelo grupo étnico.⁸

A linha de actuação da UNITA, no momento de fundação, era essencialmente colocar a direcção da UNITA no interior do País, para os dirigentes viver e acompanhar e partilhar o sofrimento com o povo e confiar essencialmente da força do seu próprio povo e não contar muito com apoio do estrangeiro.⁹

A situação económica social e política dos colonizados em Angola era dramática. A exploração económica era feroz, a condição humana do angolano era deplorável, acentuada pela divisão dos angolanos em assimilados e indígenas e

⁶- Em entrevista com senhor Valentim Tchissaluquila, de 62 anos de idade Secretário Municipal Adjunto da UNITA da Matala, pelas 16 horas e 13 minutos do dia 07 de Junho de 2021.

⁷-Em entrevista com senhor Valentim Tchissaluquila, de 62 anos de idade Secretário Municipal Adjunto da UNITA da Matala, pelas 16 horas e 13 minutos do dia 07 de Junho de 2021.

⁸-Em entrevista com senhor Valentim Tchissaluquila, de 62 anos de idade Secretário Municipal Adjunto da UNITA da Matala, pelas 16 horas e 13 minutos do dia 07 de Junho de 2021.

⁹-Em entrevista com senhor Bandje, de 62 anos de idade Ex-Secretário Municipal da UNITA da Matala, pelas 10 horas e 25 minutos do dia 08 de Junho de 2021

por último os angolanos praticamente não tinham direitos políticos, em suma os angolanos viviam uma situação de subalternização económica, social e política. Diante o acima exposto a luta pela Libertação Nacional tornou-se em imperativo inadiável.

Em seguida vamos perceber de facto qual foram as acções, estratégias e o impacto da UNITA na Luta de libertação nacional em Angola.

**CAPITULO II: A UNITA E A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM
ANGOLA**

CAPITULO II: A UNITA E A LUTA DE LIBERTAÇÃO EM ANGOLA

2.1- Enquadramento Histórico da UNITA

2.2- Especificidades da Acção Política e Militar da UNITA na Luta pela Independência de Angola

2.2.1. Acção Política

A UNITA é tida como a terceira força nacionalista em Angola, que apesar de surgir em 1966, passou a ter uma acção fundamental na cena da guerra colonial para a libertação nacional iniciada em 1961. Assim, o aparecimento da UNITA visava a conquista de um grupo que era no entender de Savimbi, colocado de parte em todo processo de luta anti-colonial, ao mesmo tempo que pretendia dar a luta colonial uma direcção mais acertiva com um cunho marcadamente africano. Daí que Savimbi esperava com o surgimento da UNITA abrir uma nova frente através da qual pudesse conquistar o seu feudo Ovimbundu. (Silva, 2014).

A UNITA caracterizou-se por uma política híbrida por adoptar simultaneamente uma linha ideológica tradicionalista maoísta ¹⁰e conservadora, consoante a sua situação política no palco geoestratégico que ditava a necessidade de estabelecer alianças ideológicas distintas, tanto no contexto da guerra contra o Estado português, como a nível da guerra fratricida “guerra entre compatriotas” na luta pela conquista do poder do Estado. (Aguiar, 1977).

Silva (2008) destaca que a UNITA recebia apoio da ala capitalista, tendo proclamado uma forte oposição a ideologia comunista, recebia também apoio da África do Sul e da China, apesar de defender o combate ao comunismo.

A UNITA por se identificar e defender ideias capitalistas recebeu apoio de países com a mesma orientação ideológica, embora apresentasse uma forte tendência pro-maoísta defendido pelo seu líder Jonas Savimbi. Face aos princípios de seu líder, esse movimento atribuía estimável valor as culturas e tradições típicas do continente africano, defendendo com efeito a Negritude e a Africanidade. (Ibidem, 2008).

¹⁰Maoísta

Ainda Silva (2014), um relatório da PIDE, descora a informação de que a UNITA é um movimento que segue determinados princípios comunistas e que grande parte dos seus quadros receberam treinamento militar em Nanquim, na China. O facto mais interessante, no entanto, é a ênfase que é dada à relação entre a UNITA e a rede de missões protestantes na região. O documento apresenta os protestantes como peça fundamental capaz de influenciar o apoio da população à UNITA. Por fim, alerta para o «cuidado» que as autoridades coloniais deveriam ter com os pastores e para a necessidade de vigiá-los e sugere o aliciamento de alguns deles para informantes.

Ainda sobre a trajectória e dinâmica da UNITA no processo de luta de libertação nacional. O movimento UNITA teve fases difíceis: desde a prisão do Dr. Savimbi, pelo Presidente Kauda que obrigou o exílio do Dr. Savimbi, no Egipto durante 12 meses, a pedido do Presidente Nasser do Egipto, pois Kaunda queria entrega-lo aos portugueses. A rendição do Tiago Sachilombo e do Muenangola com mais de 150 soldados e suas armas.¹¹

A UNITA era uma organização com algumas dificuldades financeiras e de sua expansão no terreno, ou seja, não tinham canais, era necessário usar estafetas no exterior para merecer algum apoio a par de outras formações políticas (FNLA e MPLA) que tinham também as suas sedes no exterior e tinham as suas emissoras de rádio no caso do MPLA.¹²

A dada altura fruto da dinâmica organizacional e de adaptação ao contexto de luta houve necessidade de fundar a LIMA e JURA. A LIMA o seu papel estava assente na mobilização das mulheres em massa para aderir ao movimento e fazia parte de todas actividades do movimento, assim como apoiar a forças armadas na transportação do material bélico e a JURA para mobilizar os jovens.¹³

No início de 1970, a UNITA procurou expandir as suas actividades de recrutamento no Leste de Angola. Paralelamente desenvolvia esforços com os

¹¹-Em entrevista com senhor José Miguel Mandume Canhanga, de 48 anos de idade (Secretário para Mobilização Periférica da Matala), pelas 12 horas e 17 minutos do dia 09 de Junho de 2021.

¹²-Em entrevista com senhor Valentim Tchissaluquila, de 62 anos de idade Secretário Municipal Adjunto da UNITA da Matala, pelas 16 horas e 13 minutos do dia 07 de Junho de 2021.

¹³-Em entrevista com senhor José Miguel Mandume Canhanga, de 48 anos de idade (Secretário para Mobilização Periférica da Matala), pelas 12 horas e 17 minutos do dia 09 de Junho de 2021.

diferentes países africanos no sentido de obter o reconhecimento da OUA (Bittencourt, 2008, p.100). Confrontado com esta realidade e com o fracasso das tentativas de conseguir apoios no exterior, Jonas Savimbi decidiu procurar no interior do território angolano, a colaboração que não encontrara no exterior¹⁴. Assim, para concretizar os seus objectivos a UNITA estabelece um acordo com as autoridades portuguesas em 1971 que ficaria conhecido com o nome de «Operação Madeira»¹⁵. A estratégia passa por tentar derrotar os outros dois movimentos, opositores da UNITA, nomeadamente o MPLA e a FNLA (Almeida, 2011).

Importa salientar que a simbiose entre o governo colonial português e a UNITA teve benefícios para ambos. No entanto, em 1973 este acordo viu-se desfeito. O acordo em causa foi inteiramente secreto, porque se assim não fosse poderia provocar o descrédito da UNITA, movimento de libertação nacional a nível interno como a nível internacional.

Como se pode perceber esta questão é muito sensível ligada a trajectória política e militar da UNITA durante a luta de libertação nacional. Sobre esta problemática, Chiwale (2008, p.144), reduz a mesma a um acordo entre a UNITA e comerciantes madeireiros portugueses esclarecendo que houve encontro entre Evaristo Ekolelo, enviado da UNITA, e quatro madeireiros, nomeadamente: José Duarte, Acácio de Oliveira, Zeca de Oliveira, vindos de Cangumbe, e João que vinha de Nhonga, no Munhango. Foram estas pessoas, ligadas ao comércio da madeira, que assinaram o contrato. Tratava-se, para nós, de pessoas ligadas à exploração e à venda da madeira.

A fonte logística das forças da UNITA no terreno era a Zâmbia. Mas a distância entre as nossas bases centrais e esse país era colossal, cerca de trezentos quilómetros. Pior ainda: a quantidade de produtos que vinha da Zâmbia chegava as nossas bases muito reduzida, uma vez que era repartida pelas

¹⁴Entrevista realizada no dia 10 de Outubro de 2020, as 20 horas e 10 minutos.

¹⁵Operação Madeira A «Operação madeira» constitui assim no “estabelecimento de um acordo bilateral entre a UNITA e as forças Portuguesas, com a finalidade de obter maior segurança para a utilização do Caminho de Ferro de Benguela, normalizar a situação no distrito do Bié e economizar as forças portuguesas” (EME, 2006, p. 380).

bases por onde passava até às nossas mãos. Passámos, a partir dali, a fornecer aos madeireiros carne de caça, farinha de mandioca (bombó), milho, feijão-frade, peixe e mel que era, na altura, um produto muito procurado. Recebíamos em troca sal, sabão, medicamentos e vestuário (panos para as mulheres e cobertores para os guerreiros). Facilitava este processo o facto de os madeireiros serem comerciantes e terem lojas onde poderiam vender os nossos produtos.

Sobre esta problemática, Chiwale (2008, p.143), afirma seguramente que (...) determinamos que os madeireiros, em troca de extracção da madeira, venderiam os nossos produtos nas suas lojas e trazer-nos-iam produtos de que carecíamos nas matas (vestuário, medicamentos, sal e outros). A população que se encontrava nas bases poderia, assim, vender e escoar os seus produtos sem grandes constrangimentos. A ideia era que todas iniciativas a desenvolver, em termos das contrapartidas, deveriam ser canalizadas para região 2, onde se encontrava o alto-comando das forças armadas, ou seja, onde se encontrava o Dr. Savimbi, isto é, nas bases de Massivi e Samussengue.

Este acordo para alguns analistas é tido como um acto de traição à causa. No entanto, para os guerrilheiros da UNITA era apenas uma forma prática de sobrevivência e adaptação a realidade vigente a dada altura durante o longo processo de luta pela emancipação de Angola.

2.2.2. Acção Militar

A UNITA deu início as suas actividades militares no território angolano em Março de 1966. Tais acções eram de uma forma geral, de alcance limitado do ponto de vista militar, mas que tinham um grau de utilidade significativa quanto a sua propaganda como uma força política no contexto da guerra de libertação de Angola. Os dirigentes da UNITA procuravam enfatizar, nos seus discursos, o facto de que a sua direcção, ao contrário das dos demais movimentos, estava a desenvolver as suas acções ao lado do povo e dos guerrilheiros no interior do território angolano¹⁶.

¹⁶Entrevista realizada no dia 10 de Outubro de 2020 as 20 horas e 10 minutos.

Os primeiros ataques efectuados pela UNITA ocorreram entre Setembro e Dezembro de 1966, na região de Cassamba, no distrito do Moxico, e mais tarde nas regiões mais ao norte do país. Uma das acções mais conhecidas desse Movimento seria o “ataque às forças portuguesas, na noite de natal de 1966, na localidade de Teixeira de Sousa (actual Luau), na fronteira com a Zâmbia” (Bittencourt, 2008, p. 93).

2.3 - O 25 de Abril e o Processo de Descolonização de Angola

2.5.1- O acordo de Alvor

As posições essenciais deste acordo resumem-se em: i) a Independência de Angola ficaria agendada para o dia 11 de Novembro de 1975 e até lá a administração do país estaria nas mãos de um governo provisório formado por um colegiado, com um representante de cada grupo, de presidência rotativa e cujas deliberações seriam tomadas por maioria simples; ii) o governo português estaria representado por Alto Comissariado escolhido pelo presidente de Portugal, que não poderia intervir em assuntos governamentais, mas poderia ser consultado caso o governo provisório assim o desejasse; iii) não-discriminação étnica para os futuros critérios de nacionalidade; iv) uma Assembleia Constituinte seria formada no prazo de nove meses para a eleição do novo presidente a tomar posse em Novembro; v) uma Comissão de Defesa nacional, formada pelo colégio presidencial, Alto Comissariado e Estado-maior Unificado, seria formada com o principal propósito de unir os contingentes militares e formar um Exército nacional e; vi) formação dos Ministérios com as chefias divididas entre os grupos. (André K. M. Sebastião, 2015, p. 63).

Este autor expõe ainda que este Acordo foi complementado com a aprovação da Lei 7/74 de 27 de Julho, que aprovou a legislação sobre o Direito das Colónias à Independência, reforçando o empossado do Governo de Transição de Angola, que contava com presença integrante da UNITA, MPLA e FNLA. Com a assinatura do acordo de Alvor era espectável o fim dos confrontos armados. Contudo os três movimentos nacionalistas, não conseguiram atingir um entendimento e trabalhar em conjunto até à data marcada para a declaração de independência, o que levou a que os mesmos se envolvessem em novos conflitos na luta pelo poder (Silva, 2014, p. 264).

2.5.2- O Acordo de Nakuru

«Já com a guerra civil em acção no País o acordo de Nakuru significou a última esperança para salvar o acordo de Alvor. Falhada a cimeira de Nakuru pelo não cumprimento ao acordo estabelecido, a organização da unidade africana OUA, ainda tentou envidar esforços de conciliação, convocando uma conferência para Kampala Uganda em Angola de 1975, com todos os líderes dos movimentos de libertação», (Numa, 2015, p.116).

Assim, Freitas (1975, p.270), citado por Silva (2014) esclarece que os Movimentos concordaram com os seguintes aspectos:

- ✓ Criar um clima de tolerância política e de unidade nacional dentro da diversidade política e ideológica de Angola;
- ✓ Pôr termo a todas as formas de violência e de intimidação de militantes e libertar imediatamente todos os prisioneiros em poder dos Movimentos;
- ✓ Garantir a todos os Movimentos o direito de livre actividade política em qualquer parte do território angolano;
- ✓ Acelerar a formação das Forças Armadas Nacionais com o efectivo inicial de 30000 homens e iniciar o desarmamento da população civil, logo que criadas as condições necessárias;
- ✓ Tomar medidas para neutralizar as forças reaccionárias internas e externas;
- ✓ Reafirmar a integridade territorial de Angola, incluindo o território de Cabinda;
- ✓ Realizar eleições e convocar novas cimeiras em Angola para encontrar soluções de alternativa, no caso de se tornar impossível a realização de eleições.

Deliberou-se: A libertação imediata e incondicional de todos os detidos pelos Movimentos de Libertação; a reafirmação de que o exercício da justiça não competia aos Movimentos de Libertação e, a violação desses princípios deveria ser denunciada ao Corpo de Polícia de Angola (Cardoso, 2009, p.630).

A semelhança do que sucedera noutras ocasiões, estas medidas não se reflectiu na prática, dando apenas mais tempo para que as forças em conflito pudessem preparar o “confronto final” pelo total controlo de Luanda e a consequente tomada de poder (Silva, 2014, p. 267).

2.5.3- A Proclamação da Independência de Angola

A conquista da independência nacional constituía o objecto supremo dos movimentos anticoloniais de Angola. A referida conquista dependia de factores e agentes endógenos e exógenos. No ponto de vista dos factores endógenos, dependia-se da luta armada a ser desencadeada e da acção diplomática dos movimentos de libertação nacional. Relativamente aos factores exógenos, dependia do financiamento, da formação e do apoio bélico dos parceiros, com destaque para os EUA e a URSS.

Sabendo que havia três movimentos sedentos e ávidos da ânsia do poder, com a vontade de se sobrepor a outro por meio da força, foi importante encontrar um consenso entre as partes angolanas, com a realização da cimeira de Mombaça a 3 de Janeiro de 1974, que procurou unir os movimentos antes do encontro com o novo governo português. Após esta cimeira, os movimentos deslocaram-se para Portugal, onde assinaram com o governo português os Acordos de Alvor.

Os acordos de Alvor decorreram de 10 à 15 de Janeiro de 1975, na região do Algarve, Portugal, com a presença do governo português e os representantes dos três movimentos nacionalistas angolanos, nomeadamente: Holden Roberto, FNLA, Agostinho Neto, MPLA e Jonas Savimbi, UNITA. O ideal do acordo visava debater a independência de Angola e estabelecer os parâmetros para a partilha do poder. Por isso, prevê-se nos Acordos de Alvor, que a transição seja assegurada por um governo quadripartidário, que incluía o Alto-comissário português e os três movimentos nacionalistas, Wheeler e Pelissier, (2011, p. 299).

Assim, a 15 de Janeiro de 1975, os movimentos assinaram com o governo português o acordo de Alvor, que previa entre outros aspectos a independência de Angola para o mês de Novembro de 1975; o reconhecimento dos principais movimentos nacionalistas como partidos políticos, dignos e legítimos representantes do povo angolano, a realização de eleições para a assembleia constituinte, a determinação do local para a proclamação da independência de Angola, José, (2011, p. 86).

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Conclusão

O processo de luta de emancipação nacional de Angola registou contradições e conflitos entre os três movimentos de Libertação nacional e esta situação provocou consequências nefastas durante, como é óbvio, e depois derrota política e militar do Exército colonial português em África e Angola em particular.

Os movimentos de libertação (FNLA, e MPLA e UNITA) de Angola eram contra opressão portuguesa, da escravidão. As suas gêneses começaram nos anos de 1940, através de algumas associações de músicos e os naturais de Angola, estes fizeram um pensamento de efervescência do povo angolano para se alcançar a Independência Nacional. Estes movimentos lutaram de ponto de vista político e militar contra o colonialismo português até 1974, depois das negociações em acordo de Alvor em Portugal.

Sugestões

Com base nas conclusões temos a seguintes sugestões:

Em fim, é preciso começar a manter encontros frequentes com todas franjas sociais, para mudar a mentalidade das pessoas, promover o espírito convívio de multiculturalismo inclusão;

Devem ser promovidas com alguma regularidade eventos de abordagem ligados a acção dos três movimentos de libertação nacional em Angola de forma a perceber-se o lugar e importância histórica de cada movimento de libertação nacional.

Os intelectuais angolanos e não só devem trabalhar para evitar que alguns protagonistas da luta de libertação e independência nacional de Angola sejam estigmatizados por razões partidárias. A unidade e o interesse nacional devem ser a “bandeira” das acções políticas de todos patriotas.

A abordagem sobre as questões ligadas a luta de libertação nacional e independência de Angola devem ser abordados de forma não emocional, deturpada e irresponsável para a harmonia e estabilidade política e social pretendida seja um facto no nosso país.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Alves, C. A. J. (2013). *Política externa angolana em tempo de guerra e paz: colonialismo e pos-colonialismo*.

António, J. S. (2019). *Guerra civil angolana*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Militares Academia militar das agulhas negras. Academia real militar (1811). Curso de ciências militares.

António, N. D. (2015). *Transição pela transição: uma análise da Democracia em Angola*.

Birmingham, D. (1995). *The decolonization of Africa*.

Carvalho, T. E. C. (2015). *O Conflito entre MPLA e UNITA/FNLA como Materialização do Confronto URSS/EUA: no contexto da Guerra Fria*.

Carvalho, T. E. C. (2015). *O Conflito entre MPLA e UNITA/FNLA como Materialização do Confronto URSS/EUA: no contexto da Guerra Fria*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre. Universidade Da Beira Interior. Ciências Sociais e Humanas.

Chaves, T.J. (2013). *Caracterização de Angola*. Luanda.

Chiwale, S. (2008). *Cruzei-me com a História*. Lisboa. Sextante Lda.

Cipriano, P. B. M. (2015). *Nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola, 2015*.

Correia, P.P. (S/ano). *Descolonização de Angola: a joia da coroa do império português*.

Diogo J. P. P. (2014). *Parâmetros de construção da democracia em angola: perfil democrático*. Trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção do Grau de Bacharel no curso de Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma.

- Faria, A. M. (2014), *A descolonização: libertação dos presos políticos e extinção da PIDE/DGS nas colónias de África*.
- Feliciano, C.A. J. (2010).“A Origem e Intervenção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) na luta de Independência Nacional (1961-1975)”.Trabalho de investigação aplicada. Academia militar.
- Fernando, E. (2013). *Biografia de Jonas Savimbi, no lado errado da História*. 3ª edição.
- Fernão, J. C. (2019).*O pensamento político de Jonas Savimbi*. Luanda: Imprimarte, Lda.
- Fontoura, M. P. &Valéro, N. (1994). *Evolução económica de Angola durante o segundo período colonial — uma tentativa de síntese*. Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.
- Francisco, A. A. C. (2013). *Política externa de Angola durante a guerra fria (1975-1992)*. Programa de pós-graduação em relações internacionais. Instituto de relações internacionais. Universidade de Brasília.
- Lakatos, E. M. Marconi, M. A. (2008). *Sociologia Geral*. 7ª Edição. Editora Atlas. São Paulo-Brasil.
- Lázaro G. (2015). *Dinâmicas da violência política: negociação da normalidade durante e após o conflito armado em Malanje, Angola*. Instituto Universitário de Lisboa. ISCTE-IUL.
- Livingui, A.T. (2021). *A Luta de Libertação Nacional e o caminho para a democratização de Angola (1961-1991)*. Instituto Superior de Ciências de educação. ISCED-Huíla-Angola-Lubango.
- Lopes, J. M. & Capumba, P.A. (S/ano). *História da 11ª classe*.
- Mateus, D. C. (1999). *A luta pela independência: A formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PIAGC*.
- Mateus, D. C. (2006). *Memórias do colonialismo e da Guerra*.

- Mateus. (2015). *Angola61-Guerra Colonial: Causas e Consequências*. Portugal: Texto Editores.
- MBAH, J.M.A, (2010), *As rivalidades políticas entre a Frente Nacional de Libertação se Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)*, Mayamba Editora 1ª edição, Luanda
- Mbokolo, E. (1992). *Afrique Noire, histoire et civilisations II*.
- Mulato, E. (2014). *Do Bembe a Luanda. Um percurso pela Democracia em Angola*. Lisboa: João Marques edições.
- Naranjo, R. &. (2013). *Metodologia da Investigação Científica*. Lobito: Escolar Editora-Angola.
- Neto, T. S. (2014) *História da educação e cultura de Angola: grupos nativos, Colonização e a Independência*. 3ª edição.
- N'ganga, J. P. (2008), *O pai do Nacionalismo Angolano*, Parma 1ª ed. São Paulo. Brasil
- Numa, J. A. K. (2015), *Angola Prólogo ao Projecto de Mwangay Democracia e Construtivismo*. Autor.
- Pacheco, L. Costa, P. & Tavares, F. O. (2008). *História economico-social de Angola*.
- Peixoto, C. B. T. (2015). *Ser, não ser, voltar a ser ou tornar-se? Uma reflexão sobre a (re) inserção social dos angolanos de Ascendência portuguesa à luz dos estudos pós-coloniais*. Tese de Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Doutora. Universidade de Coimbra. Portugal.
- Pimenta, L. T. B. (2014). *Guerra civil em Angola: uma disputa pelo poder*.
- Pinto, J.P.H. (2016). *A identidade nacional angolana. Definição, construção e usos políticos*. Universidade Federal ilumense. Instituto de Ciências

Humanas e Filosofia. Dissertação de Pós-Graduação em História Social. Brasil-Niterói.

Rodrigues, Donizete (2007). *Sociologia da religião*. Uma introdução, Porto, Edições Afrontamento

Sebastião, A. K. M. (2015). *O processo de paz em Angola*:

Silva P. S. O. (2016). *Avaliação da sustentabilidade do perímetro irrigado poção da ribeira em itabaiana, sergipe*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestrado na Universidade Federal de Sergipe.

Silva, A. A.J. (2014). *Angola: dinamicas internas e externas na luta de libertação 1961-1975*.

Silva, A. A. A. (2010). “*A origem e intervenção do movimento popular de libertação de Angola (MPLA) na luta de independência nacional. (1961-1975)*”. Trabalho de investigação aplicada. Curso de artilharia. Direção de ensino. Academia militar.

Silva, A. C. M. (2018). *Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências*. NEARI EM REVISTA | V.4 N.5 2018.1 | ISS 2447-2646.

Silva, A. C. M. (s/ano). “ *Angola: História, luta de Libertação, independencia, guerra civil e suas consequencias* . Revista Neari

Silva, L. L. (2017). *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano X, N°XIX, agosto de 2017 “ Consequencias da presença portuguesa no reino do Ndongo no século XVII*.

Silva, M. (2005). *Metologia de Investigação Científica*. São Paulo: Paulinas Editora.

Silva, Z. P. (2016). *Guerra colonial e independencia de Angola: o fim da guerra não é o fim da guerra*.

- Undolo, M.E. S. (2014). *Caracterização da norma do português em angola*. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Linguística. Portugal- Évora.
- Van-Dúnem, J. O. (2007). *Angola, Caminhos e Perspectivas para o Progresso Cultural , Social e Económico Sustentavel*. Rio de Janeiro : HP Comunicação Editora.
- Vieira, F. S. (2018). Origem do Nacionalismo angolano, Movimentos independentistas e disputa por hegemonia, *revista de humanidades e letras*.
- Vifuanda, A.C. (2020). *As bases político-ideológicas do surgimento do multipartidarismo em Angola (1961-1991)*. Instituto Superior de Ciências de educação. ISCED-Huíla-Angola-Lubango.
- Wheeler, D. & Pélissier, R. (2009). *História de Angola*. Lisboa